

O CUSTO DA GRATIDÃO

RANDAL JONES

Quando eu tinha uns treze anos meu pai costumava me levar para pequenos passeios aos sábados. Algumas vezes íamos ao parque, ou à marina, olhar os barcos. Eu também adorava visitar as lojas de bugigangas, onde podíamos admirar os aparelhos eletrônicos. De vez em quando, comprávamos alguma coisa barata só para desmontá-la juntos.

No caminho de volta desses passeios, papai sempre parava na sorveteria, onde tomávamos sorvete de casquinha. Sempre não, algumas só algumas vezes. E nunca sabia se íamos parar ou não, mas esperava ansioso, torcendo desde a hora em que pegávamos o rumo de casa até aquela esquina decisiva, de onde iríamos direto para o sorvete ou viraríamos e voltaríamos para casa de mãos vazias. Aquela esquina significava animação e na boca ou decepção.

Às vezes, meu pai me provocava, voltando para casa pelo caminho mais comprido.

- Só estou vindo por aqui para mudar um pouco - dizia ele, enquanto passava pela frente da sorveteria sem parar. Era um jogo, não estou falando de tortura.

Nos melhores dias ele perguntava, como se fosse novidade:

- Quer um sorvete de casquinha?

E eu respondia:

- Que ótima ideia, pai! - Eu sempre pedia de chocolate e ele, de creme. Tomávamos o sorvete no carro. Eu amava meu pai e amava sorvete, então aquilo era o paraíso.

- Naquele dia fatídico, estávamos a caminho de casa e eu aguardava o lindo som da sua oferta. E ela veio:

- Quer um sorvete de casquinha hoje?

- Que ótima ideia, pai!

Mas, então, ele acrescentou:

- Também acho ótima, filho. Não quer pagar hoje?

O sorvete custava vinte centavos! Vinte centavos! Minha cabeça girava. Eu podia pagar. Ganhava uma mesada de vinte e cinco centavos por semana, mais uns trocados por serviços eventuais. Mas economizar dinheiro era importante.

Papai tinha me dito. E, quando se tratava do meu dinheiro, sorvete simplesmente não era um bom investimento.

Por que não percebi que aquela era uma oportunidade de ouro de dar alguma coisa àquele pai tão generoso?

Por que não pensei que ele já me comprara cinquenta sorvetes e que eu nunca comprara nenhum para ele? Mas tudo em que eu conseguia pensar era: "Vinte centavos!"

Em um acesso de ingratidão, eu disse as palavras feias pelas quais nunca me perdoei:

- Bom, nesse caso, acho que vou desistir.

Meu pai respondeu apenas:

- Está bem, filho.

Mas, assim que fizemos a curva a caminho de casa, percebi o quanto estava errado e implorei para que ele desse meia-volta.

- Eu pago - supliquei.

Mas ele disse apenas:

- Tudo bem, a gente não precisa de sorvete mesmo!- E se recusou a ouvir minhas súplicas. Fomos para casa.

Fiquei me sentindo péssimo por meu egoísmo e minha ingratidão. Ele não jogou aquilo na minha cara, nem agiu como se estivesse desapontado ou ressentido. Mas acho que meu pai não poderia ter encontrado maneira melhor de me ensinar.

Aprendi que a generosidade tem mão dupla e que a gratidão algumas vezes custa um pouco mais do que "obrigado".

Naquele dia, a gratidão teria custado vinte centavos, e aquele teria sido o melhor sorvete que eu jamais teria tomado.

Na semana seguinte, fizemos outro passeio e, quando estávamos nos aproximando da esquina decisiva, eu disse:

- Pai, quer um sorvete de casquinha hoje? Eu pago.